

# JORNAL DO LEITOR

PARA PARTICIPAR: ENVIE SEU TEXTO PARA JORNALDOLEITOR@OPOVO.COM.BR OU LIGUE PARA 3255 6088

Os textos deverão ter no máximo 1850 caracteres (com espaços) – com nome completo, endereço, telefone, e RG do remetente, que se responsabilizará pelo conteúdo. Os textos poderão ser resumidos, e **O POVO** se reserva no direito de selecioná-los para publicação.

## A representação da catástrofe

**Julio Celestino**  
juliocelestino@gmail.com

Arthur Nestrovski e Márcio Seligmann-Silva são organizadores do livro “Catástrofe e Representação”, coletânea de ensaios e de escritos ficcionais. De sua leitura fiz reflexões sobre os tempos (ainda) insólitos que testemunhamos.

Nestrovski e Seligmann-Silva escrevem que “a representação depende de uma catástrofe (sem catástrofe, não há o que representar), mas a catástrofe dificulta, ou impede a representação”. Para além da literatura, essa afirmação se estende a outros campos do conhecimento, como a política e o direito, porque quase tudo é feito a partir da formação de significados. A traição desses significados – a catástrofe – constitui um óbice à representação e gera novos significados a aperfeiçoar essa representação. Sófocles já nos revelou isso em “Antígona” e a deusa Palas Atena, ao instituir o tribunal do Areópago, aperfeiçoa essa representação, comunicada por Ésquilo, acerca

da passagem da vingança privada para a justiça com base na lei pública, sob a condição de que os cidadãos a cumpram. Semelhante ideia se encontrará em Jean-Jacques Rousseau – “Do contrato social”. Logo, para reconhecer as contingências traumáticas da experiência é preciso compreender o “experenciado” pelo outro sem trair a natureza do vivido e sua distorção gradual, à distância do tempo. Mas que bom futuro pode ser quando não há leitores nem intérpretes nem testemunhas autênticas dos acontecimentos memorizados? A catástrofe! Então, o que foi ou continua a ser a representação da catástrofe passa a ser a catástrofe da representação. É quando somos assaltados pela negação-relativização da catástrofe que se tornará a catástrofe da simulação da realidade. Diante disso, sejamos nós, pois, testemunhas, leitores e intérpretes levados a não tarde encontrar o “deserto do real” de que nos adverte Slavoy Žižek para que possamos reconsiderar as nossas escolhas e afastar-nos das ilusões catastróficas da representação.

## Encontro de amigas

**Maria José Monte Holanda**  
dedemonteholanda@yahoo.com.br

Mais um encontro de amigas de Acarape e Redenção aconteceu. Como são bons esses momentos descontraídos e engraçados, onde o prazer, as bobagens ditas e a alegria de estarmos mais uma vez juntas ocorrem. No início éramos três, duas acarapenses, e uma redencense que já partiu para a última morada, mas sempre presente nos nossos corações. E fomos ampliando o círculo e, hoje, formamos um grupo de treze. Somos cheias de histórias, gaiatices e amizade espontânea, sabedoras de que o tempo sempre tão importante, agora então, é ouro. E assim vamos vendo as alterações ocorrentes, físicas e comportamentais em todas nós com consciência, aceitação e bom humor, pois nos conhecemos desde a infância. E hajam mudanças!

Nestas ocasiões acontece um compartilhar de memórias e alegrias, momentos de risadas, sem cobranças de perfeições, e somos protagonistas daquele barulho natural de quando

mulheres estão juntas. Se come, bebe e ri. E tem o momento das fotos, todas queremos sair bem, cuidando para parecer o que somos, alegres, descontraídas, nada de descuidadas ou tristes. Segue-se uma elaborada disposição para esse momento fotográfico. Nos sorteios das lembranças a algazarra continua.

Nesse último evento, em dado momento, depois de servidos sucos de caju e abacaxi com hortelã, falei: “Tenho aqui a surpresa do suco de uma fruta que sei poucos aprovam, geralmente, ela é rejeitada devido seu forte aroma e uma aparência não muito apreciável, mas meus irmãos e eu, como bons acarapenses amamos. Eles ainda a cultivam no Acarape”. Todas ficaram interessadas, e para minha surpresa a maioria se manifestou e bebeu um pouco, pois era uma pequena porção e acabei ficando sem, mas fiquei satisfeita, por ser um fruto que carrega memórias da nossa vivência. Continua sendo por nós apreciada. E eu bem feliz por ver a aprovação do suco de jenipapo, fruta de cheiro ativo, rica em nutrientes, vitamina C e antioxidantes. Dele também se faz saboroso licor. O suco é uma delícia!

# O POVO EDUCAÇÃO

ESTE ESPAÇO É DESTINADO AOS TEXTOS DOS ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS, PARTICULARES E REPÓRTERES CUCA PARTICIPANTES DO PROJETO CORRESPONDENTE O POVO

## Ubajara, bonita pela própria natureza

**Ana Vivian Pereira**  
1º lugar no Concurso de Poesia da  
Academia Ubajarense de Letras

No sertão do Ceará encantado,  
Ubajara é terra de glória e luz,  
Tem histórias de um tempo passado,  
Onde o povo forte fincou sua cruz.  
Chamava-se antes Lagoa do Jacaré,  
Por águas tranquilas que ali existiam,  
Mas em mil novecentos e quinze, se vê,  
Que novas raízes ali nasciam.  
Os Tabajaras chegaram primeiro,  
Filhos da mata, da paz e do chão,  
Depois vieram os do mundo estrangeiro,  
Com espada na mão e oração.  
Em mil seiscentos e quatro chegou,  
A tropa lusitana de olhar frio,  
O destino da terra então se moldou,  
Como pedra esculpida por rio.  
Na gruta escondida no meio da serra,  
Fala o povo com muita emoção,  
Que um cacique fugindo da guerra,  
Até se abrigou com o coração.  
Veio do mar num silêncio profundo,  
Remando em sua canoa valente,  
Fez da caverna seu novo mundo,  
Refúgio de alma e de corpo doente.  
“Ubajara”, palavra de força e cor,  
Quer dizer “Senhor da Canoa”,  
Nome de honra, de raça e de amor,  
Que na boca do povo ecoa.  
A gruta é um templo da natureza,  
Com formas que o tempo desenhou,  
Estalactite que brilha em beleza,  
E o chão com estalagmite brotou.  
Buscaram minérios, riqueza escondida,  
Os homens da coroa de Portugal,  
Mas acharam só pedra e a serra erguida,  
Com silêncio profundo e beleza sem igual.  
Hoje o parque guarda essa história,  
Com trilhas, lembranças e encantamento,  
Protege a cultura, a fauna e a memória,  
Do povo, da lenda, do tempo e do vento.  
Ubajara é canto de raiz sertaneja,  
É lenda, é vida, é chão que seduz,  
É onde a história ainda se deseja,  
E o presente caminha com fé e luz.  
Por tudo que a serra com fé nos conduz,  
E a gruta encantada em silêncio revela,  
Ubajara resplandece sob a luz,  
Com beleza que a alma consola e zela.

CARLUS CAMPOS



## Pés na areia

**Esequiel Mesquita**  
Professor do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFC

A menina brincava justo aos meus pés, olha só! Só a notei pela areia, que me chamuscava os pés com sua aspereza torpe. Precisei olhar duas vezes; minha visão, limpa pela vaidade artificial da cidade, insistia em extirpá-la da paisagem. Forcei o torso para encarar aquela figura tênue. Tímida e muda, brincava na areia com os dedos, inerte aos severos ruídos e passos. Curvei-me mais um pouco. Queria observar de perto aquele punhado de inocência cativa. Levantei os olhos e vi uma mulher de côcoras, conduzida ao gosto férreo dos pequenos golpes de metal enterrados na areia salobra; juntava-os num saco. Pelo contato visual que mantinha com a cria, de uma proteção crua, pude determinar que fosse a mãe da menina.

Enfim, a menina saiu dos meus pés. Seguiu a mãe pelo cheiro. Conforme a mulher avançava, a menina pulava com agilidade de um pássaro, de canto a outro. Manipulava aquela região como se fosse sua; conhecedora da natureza íntima daquela terra encharcada de umidade e sal, trepidada pelo afago do vento. Seguiu mansa, constante à sua simplicidade. Empurrava os dedos com a força necessária para fazer o pano de areia escrever sua história em figuras gigantes e amorfas; como se pensasse grande e o mundo dos sentidos não fizesse jus à sua compreensão. Pouco a pouco, a mulher foi seduzida pelo odor ocre do metal salgado para longe e, nessa mesma medida, a figura da menina foi diluída sob os pés da multidão.

## O doido e o poeta

**Melissa Vasconcelos Gomes**  
Membro da Academia Ubajarense de Letras e Artes

Na esquina, havia um doido e um poeta  
Dentre os quatro cidadãos da lista que segue:  
Batista vagava pelas ruas em ode aos fuxicos  
sobre as vidas alheias.  
Amélia andava nua de corpo,  
com a consciência comprometida.  
Odete corria depressa, sempre sem fôlego e com o olhar desviado.  
José era médico especialista na arte do cinismo  
e em passar a perna nos seus.  
José desfila todo dia nas estradas,  
montando uma caminhonete.  
A visão é de grandiosidade,  
mas o coração é pequeno.  
Choram suas Marias, suas meninas  
e suas Madalenas,  
Enquanto espera a pena de seus dias na morte.  
Amália, coitada!  
Mãe de dois filhos pródigos e um adolescente,  
Só vivia como Odete: correndo contra o tempo,  
Tudo para dar conta, tudo para haver tempo.  
Com tempo para todos e sem tempo para si,  
Perdia o fio de sua consciência.  
Na rua, todos olhavam suas batalhas.  
Diziam “lá vem a Amália da Francisca. Corre doida e desleixada. Filha de doido, doidinha é”.  
Batista era advogado da região,  
Temido por tanta confusão.  
O problema de Batista morava na sua língua:  
Não falava de si, só falava dos outros  
E de malgrado.  
Pobre Batista!  
Só desejava mal aos outros.  
Tão acompanhado que só vivia  
De conversas alheias, com nomes alheios  
Atrapalhando os caminhos de quem não é alheio.  
Julgava os poetas e os doidos como loucos e doentes, sem distinção.  
“Louco é quem pragueja a vida dos outros” -  
dizia o mendigo analfabeto da esquina a Batista,  
sem grau nenhum de instrução jurídica.  
Odete, filha de Amália, sofria o desafino  
e desafinava nas missões,  
Mas cantava a seguinte prece  
Em todos os acordes que tocava:  
“O louco se deixou vencer, o poeta escreve.  
Mamãe, papai e titia,  
todos da minha família, perdidos  
Em suas próprias cabeças,  
Vencidos pelo orgulho de não morrer nas belezas  
De quem escreve para si  
Como louco a contenda.  
Melhor ser louco a contenda  
do que doente a desfeita.”